

197 - clima

## CHUVAS

Levantamento da Defesa Civil em três regiões administrativas mostra a necessidade de demolir 284 casas. Situação mais crítica é a da Fercal, onde há ameaças de deslizamentos e queda de árvores

CIDADES

## Mil brasilienses em área de risco

ADRIANA BERNARDES  
MÁRCIA NERI  
DA EQUIPE DO CORREIO

Cerca de 1,1 mil moradores do Distrito Federal estão sob risco das enchentes. Eles vivem às margens de córregos, nas encostas de morros ou perto de erosões. O primeiro alerta de 2008 veio da Fercal, onde foi decretado estado de emergência. Só este fim de semana, 69 famílias tiveram de abandonar os seus lares e, pelo menos outras 30 serão removidas pela Defesa Civil. A situação é semelhante em outras áreas do DF.

Um levantamento inédito do órgão em três das 27 regiões administrativas — Estrutural, Fercal e Ceilândia — identificou 127 pontos de risco e a necessidade de demolir 284 casas. Ainda falta mapear as outras 24 regiões administrativas. Mesmo antes de concluir o mapeamento que vai revelar quais são, e onde ficam os pontos de risco no Distrito Federal, o número de pessoas que vivem ameaçadas — cerca de 1,1 mil — já é praticamente igual ao divulgado em 2006, quando cerca de 1,3 mil estavam nessa condição.

Das áreas mapeadas, a situação mais crítica segundo a Defesa Civil é, realmente, a dos moradores da Fercal, na região de Sobradinho. Desde sábado, homens, mulheres e crianças são retirados das residências que podem desabar a

qualquer momento. O perigo é maior para quem mora nas comunidades da Prainha, Boca de Lobo e Bananal. Na Fercal, os pontos de riscos variam conforme a comunidade — existem pelo menos seis. Nos povoados de Queima Lençol e da Rua do Mato, por exemplo, causam preocupação a ameaça de deslizamento, o destelhamento de casas e a queda de árvores.

Na manhã de ontem, homens do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) ajudavam na remoção dos pertences dos desalojados. Alguns moradores resistiam a deixar o local. Apesar de saber que residem em área de risco, eles têm medo de ficar sem ter onde morar. Enquanto os assistentes sociais e funcionários da Defesa Civil faziam o cadastro, as famílias relatavam que em 2006 muitas foram encaminhadas para abrigos com a garantia de receber lotes, o que não aconteceu.

A desempregada Edneide Alves de Aragão, 30 anos, vive em um barraco de madeirite condenado pela Defesa Civil. A promessa do governo de que os moradores receberão um terreno em Samambaia, não a tranquilizou. “Há dois anos falaram a mesma coisa. Dois meses depois, muitos ficaram jogados à própria sorte. Meu marido trabalha na fábrica de cimento aqui na Fercal. Nossa vida está aqui. Não posso ir para uma região tão longe para deixar meus filhos passarem fome”, explicava. O governo usa duas estratégias para

abrigar quem vive em área de risco na Fercal. Parte dos moradores será levada para abrigos provisórios. A outra se mudará para casas alugadas pelo GDF por dois meses.

A chuva ameaça também quem vive em Ceilândia. O mapeamento da Defesa Civil apontou quatro pontos de risco, entre eles, o Condomínio Privê, onde uma antiga erosão ameaça engolir as ruas e as casas, nas Chácaras Pantanal e uma invasão na QNR 2. Em algumas áreas da cidade, a situação dos moradores beira o caos. É o caso do Setor Habitacional Sol Nascente, onde duas casas desabaram por causa da água da chuva na tarde do último sábado. A população se diz abandonada pelas autoridades. Além dos buracos, sacos de lixo se acumulam por todos os lados e a enxurrada continua a descer pelas avenidas praticamente intransitáveis mesmo depois de passada a chuva.

O medo de quem vive no local vai além do risco de inundações e desabamentos. De acordo com o presidente da Associação dos Moradores, Edson Batista, se algum morador passar mal, o socorro não tem como chegar. “Precisamos de obras de infra-estrutura. Aqui não temos esgoto e toda a enxurrada do P Norte deságua em nosso condomínio. A correnteza já carregou uma pessoa por vários metros. A tubulação de água está exposta por causa da erosão e alindos postes correm o risco de cair

Iano Andrade/CB



ELIZABETH SOUZA, MORADORA DE CEILÂNDIA, VIVE A MESMA SITUAÇÃO HÁ 25 ANOS: “SÁBADO MEUS VIZINHOS PERDERAM PARTE DA CASA E OS MÓVEIS NA ENXURRADA. ELES SAÍRAM DAQUI COM A ROUPA DO CORPO”

em nossas cabeças. Onde foram parar as promessas de campanha dos políticos que estiveram aqui”, indagou Batista.

Há cinco anos, a dona-de-casa Elizabeth Souza, 45 anos, vive na chácara 125. Segundo ela, durante todo esse tempo, a história se repete na época da chuva. “A rua fica toda alagada. Não dá nem para sair de casa. Sábado meus vizi-

nhos perderam tudo porque a enxurrada levou parte da casa e dos móveis. Eles saíram daqui com a roupa do corpo”, relatou.

Desde setembro, os servidores da Defesa Civil distribuem a notificação aos moradores das Chácaras Pantanal com avisos para que se mudem imediatamente. Um alerta ignorado por boa parte deles, que espera do governo a desti-

nação de uma área para recompar a vida. Lá, 21 casas estão condenadas. O que há 15 anos era um córrego, hoje é uma cratera gigantesca. Primeiro a erosão engoliu as plantações. Agora ameaça arrastar casas inteiras e até a rua.

## Tragédia anunciada

O que se vê na Chácaras Pantanal, em Ceilândia e em vários pontos

do Distrito Federal é o típico caso de tragédia anunciada e ignorada pelo Estado ao longo dos anos. Pouco ou quase nada se fez para solucionar o problema. Levantamento do Correio revela que, nos últimos três anos, as áreas de risco são praticamente as mesmas. A Estrutural é um exemplo. Os moradores também não conseguem transitar quando chove. As ruas fi-

cam completamente alagadas e os carros que se arriscam a enfrentar o barro atolam constantemente. A prefeita da Quadra 7, Maria Gonçalves Dias, anda de botas para se proteger de doenças e diz que a situação piora a cada chuva. “Não agüentamos mais sofrer tanto. Precisamos de mais apoio do governo. A água chegou a entrar em algumas casas na semana passa-

da. Já não temos quase nada e ainda estamos arriscados a perder o pouco que conseguimos adquirir”, relata a prefeita.

Nas três cidades do DF onde o levantamento da Defesa Civil já foi concluído — Estrutural, Fercal e Ceilândia —, descobriram-se 127 pontos de risco. A maioria deles, 86, está concentrada na Estrutural. Em segundo lugar aparece a

Fercal, com 37 pontos, e depois Ceilândia, com quatro. Na Estrutural, a maior ameaça quando chove são os alagamentos, destelhamento de casas, queda de árvores e uma erosão perigosa. Lá, o lixo e o esgoto a céu aberto agravam ainda mais a situação dos moradores porque os expõem a doenças. Todas essas informações serão armazenadas em um pro-

grama de computador e atualizadas periodicamente.

O Instituto Nacional de Meteorologia prevê mais chuvas para os próximos dias. O meteorologista Mamedes Melo diz que até o fim da semana o céu ficará encoberto, com trovoadas ocasionais em todo o DF. “Em fevereiro, as pancadas de chuvas ocorrerão com frequência por períodos prolongados”, adiantou

## Solo exposto é problema

A ocupação desordenada do solo; as construções mal projetadas e a falta de infraestrutura contribuem para os alagamentos, deslizamentos de terra e destelhamento de casas na época do período chuvoso. Para piorar ainda mais a situação, há quem retire a vegetação de morros. Com o solo exposto, a água desce arrastando a terra solta.

O presidente da Agência de Comunicação do GDF, Welington Moraes, disse que o governo vai investir nessas regiões. Programas como o Pró-Moradia e o Brasília Sustentável levarão infraestrutura à maioria das cidades afetadas pela chuva. Os moradores da Estrutural serão os primeiros a serem beneficiados. A melhoria da rede pluvial da Asa Norte também já faz parte dos planos do governo.

O diretor da Defesa Civil do DF, tenente coronel Síndulo Teixeira Chaves, explica que atitudes simples podem amenizar alguns problemas. “As pessoas precisam fixar a telha direito no madeiramento. Colocar pneus ou pedras para que o telhado não caia é perigoso. Num vendaval, esses objetos se transformam em arma”, destacou. Ele espera concluir o levantamento dos pontos de risco em até dois anos. Mas, à medida que situações graves forem identificadas, o problema será imediatamente encaminhado à equipe de governo.

## A HISTÓRIA SE REPETE

Os três últimos mapas de áreas de risco do Distrito Federal são praticamente iguais. Em 2008, a Vila Rafael, localizada às margens da BR-070, em Ceilândia, não aparece na lista porque o governo transferiu as famílias que moravam lá para a QNR 5. No entanto, há duas localidades novas: Ponte Alta, no Gama, e a QNR 2, também em Ceilândia. Na primeira, o risco é de deslizamento. Na outra, uma invasão com 77 casas, a falta de infra-estrutura representa o risco.



## Áreas mapeadas

- |                             |                                 |
|-----------------------------|---------------------------------|
| 1 Arapoanga DF-130          | 8 Vila Rabelo II                |
| 2 Riacho Fundo (zona rural) | 9 Vila Cauhy (Recanto das Emas) |
| 3 Estrutural                | 10 Varjão                       |
| 4 Fercal                    | 11 Vale do Amanhecer            |
| 5 Itapoã                    | 12 Condomínio Privê             |
| 6 Samambaia                 | 13 Ponte Alta – Gama            |
| 7 São Sebastião             | 14 QNR 2 — Ceilândia            |

Fonte: Defesa Civil do Distrito Federal.